

Ontologia Dialética em Hegel

Por Osvaldino Marra Rodrigues

Osvaldino Marra Rodrigues. Mestrando, Filosofia. UFPI

1.1. QUEM ERA, REALMENTE, HEGEL?

Georg Wilhem Friedrich Hegel, nascido em 1770 em Stuttgart e morto em Berlim, em 1831, é considerado o último grande platônico da história da filosofia, e o representante mais significativo da reflexão ontológica moderna. Com Hegel o Absoluto se tornou histórico e habita entre nós, numa história cujo conceito se desenvolve pacientemente, na tensão entre a finitude e a infinitude da consciência no seu curso histórico ao Absoluto. Foi, igualmente, o último dos grandes filósofos a propor um sistema filosófico no Ocidente, a declarar abertamente que *Wahrheit*, Verdade, é o Todo. Sua influência, embora ofuscada no século XX por um hegeliano de esquerda, Karl Marx (1818-1883), e pelos desvios do pensamento contemporâneo em relação ao legado filosófico, foi, e continua a sê-lo, muito maior do que supõe muitos que vivem nos dias de hoje.

Sua filosofia é uma das mais ricas e complexas da tradição filosófica, porquanto recolhe toda a tradição anterior, e, por isso mesmo, das mais difíceis de ser abordada e compreendida, pois Hegel procura e se lança a expressar o que mal pode ser expresso em palavras.

Por este motivo é comum compará-lo a um filósofo da Antiguidade, muito estimado por ele, Heráclito de Éfeso, que ficou conhecido pela posteridade como «o obscuro». Não é incomum denominarem a Hegel, como mesma alcunha atribuída a Heráclito, «o obscuro», indicando com isso os cuidados e dificuldades que devemos tomar ao abordar a sua filosofia sistemática, que não aceita cortes (*análise*), pois só pode ser compreendida levando-se em consideração o Sistema como um todo. Como disse certa vez Eric Weil (1991, p. 125) sobre a escrita de Hegel: «eis um escrito que não se lerá agradavelmente, que exigirá a maior atenção, a mais alta tensão do espírito.»

Não é nosso interesse aqui apresentar todos os problemas suscitados pela filosofia de Hegel. Ao contrário, nosso objetivo é modesto, como modestas nossas forças para abordar uma obra extremamente rica e intrincada que está muito além da nossa capacidade e, que, por este motivo, pode, por necessidades pedagógicas, nos levar a desvirtuamentos do seu Sistema. Também não intentamos sequer apresentar as clássicas objeções feitas a Hegel – nesse sentido nosso propósito é apenas propedêutico e pedagógico; e, por isso mesmo, nos limitaremos a esquemas muito sucintos, fundamentados em reconhecidos mestres brasileiros cujos trabalhos sobre Hegel são internacionalmente reconhecidos -2-.

Por tudo isso, devemos nos precaver a preconceitos oriundos de clichês, repetidos como mantras sagrados e que datam, inclusive, da época em que o próprio Hegel ainda vivia. O rabugento Schopenhauer, por exemplo, um encarniçado anti-hegeliano, cujo fracasso acadêmico, dentre outros motivos, atribuída a Hegel, e um apaixonado kantiano, escreveu em sua magistral obra, *O mundo como vontade e como representação*, que a obscuridade de Hegel nada mais é que uma prevenção e um deliberado obstáculo que quer ocultar o «sem-sentido» da sua filosofia. Vale à pena citar a irônica e mordaz passagem que, de uma penada, procura desqualificar os maiores representantes do Idealismo alemão – ressaltamos que a análise de Schopenhauer quer distinguir

‘obscuridade’ de ‘sem-sentido’ com o intuito de salvar a filosofia de Kant, considerada obscura, mas não sem-sentido, este sim, um atributo específico de Hegel:

De imediato o sem-sentido refugiou-se atrás da apresentação obscura. FICHTE foi o primeiro que se apossou desse novo privilegio. SCHELLING no mínimo o igualou, e uma horda de escrevinhadores famintos, destituídos de espírito e sem honestidade, logo os sobrepujou. Entretanto o maior atrevimento em servir à mesa um não-senso mal cozido, em empastelar redes de palavras delirantes e vazias de sentido, como até então se tinha ouvido apenas em hospícios, entrou em cena finalmente com HEGEL, e se tornou o instrumento da mais canhestra mistificação geral que já existiu, com resultado que parecerá digno de fabulas à posteridade e que permanecerá como um monumento da estupidez alemã. (2005, p. 540)

Terry Pinkard, em sua monumental biografia sobre Hegel, afirma, sob uma fina ironia, no Prefácio, que «Hegel é um desses pensadores dos quais toda pessoa culta crê saber algo» (2002, p.9). Afirma, também, que ‘conhecemos’ Hegel através de clichês. Dentre os clichês sobre Hegel, colocamos em destaque os elencados por Pinkard (ibid.):

1. Sua filosofia foi antecedeu a teoria da historia de Marx, que era materialista, Hegel foi um idealista no sentido de que pensava que a realidade era espiritual em última instância, e que esta realidade se desenrolava segundo um processo de tese/antítese/síntese;

2. Hegel glorificou também o Estado prussiano, sustentando que era obra de Deus, a perfeição e a culminação de toda a história humana: todos os cidadãos de Prússia deviam lealdade incondicional a seu Estado, que podia ao bel-prazer dispor-se deles;

3. Hegel desempenhou um grande papel na formação do nacionalismo, o autoritarismo e o militarismo alemães com suas celebrações quase-místicas do que ele chamava pretensiosamente «o Absoluto».

O autor chama nossa atenção para um fato, uma triste constatação:

Porém o mais chocante é que, pese ser clara e demonstravelmente falso, e que desde há muito tempo é conhecida sua falsidade nos círculos acadêmicos, este clichê de Hegel continua sendo repetido em quase todas as histórias breves do pensamento ou nas curtas entradas de um dicionário. (ibid.).

E levanta a questão: «Quem era, realmente, Hegel?» (op. cit., p.14). Por detrás de tantos clichês e preconceitos a pergunta suscitada por Pinkard espicaça nossa consciência, sobretudo a nós, que nos dedicamos ao estudo da Filosofia e, como tal, devemos ter a máxima prudência antes de emitirmos juízos sobre pensadores, sejam quais forem, sem antes *procurarmos diligentemente* conhecer seus pensamentos expressos em suas obras.

Essa prudência intelectual deve ser levada a sério, sobretudo, com filósofos do porte de Hegel, pois como é difícil estabelecer um diálogo profícuo quando um pseudo-pensador se aferra a preconceitos, justo na Filosofia, cujo espírito, desde sua gênese, se configura pela abertura, pelo diálogo que constantemente levanta problemas com relação ao ‘dado’, ao ‘estável’, à ‘opinião’ adquirida heteronomamente, como uma verdade ‘descida’ dos céus, presente dos deuses ou do Deus!

A filosofia, enquanto atividade «de homens puramente homens» (Descartes, 1953, p. 127)

deve respeitar e ter um compromisso com essa abertura com relação à *recherche* conquistada pela responsabilidade de um pensamento livre de amarras e preconceitos transmitidos de geração em geração como verdade. Como afirmou Schiller, um dos grandes filósofos do Romantismo e Idealismo, contemporâneo de Hegel, e ‘desprezado’ por Shopenhauer, «Quando o homem é apenas conteúdo do tempo, *ele* não é e não *tem*, portanto, conteúdo» (1995, pp. 73-74).

Quanto à posição de Hegel no atual *cânon* da filosofia, temos que destacar: como houve um deslocamento da produção filosófica a partir dos meados do século XX para os países de fala inglesa, sobretudo Estados Unidos da América e Inglaterra, de forte herança nominalista e, por isto mesmo, com acentuado teor analítico, a filosofia de Hegel – e o platonismo de forma geral – foi relegada a uma espécie de limbo do pensamento. Carlos Cirne-Lima, um reconhecido filósofo brasileiro, que publicou uma obra em 2006, *Depois de Hegel*, resultado de um labor intelectual de mais de trinta anos de reflexão, denuncia, num tom entre a ironia e o espanto intelectual: «não me conformo que a esmagadora maioria dos filósofos analíticos de hoje sejam incapazes de ler e interpretar uma página sequer da Ciência da Lógica de Hegel.» (2006, p.8). Todo o esforço filosófico atual de Cirne-Lima está voltado para uma tarefa ingrata, que parece, a muitos, utópica, porquanto pretende «construir, na medida do possível, uma ponte entre a maneira de pensar dos Analíticos e o sistema de Hegel.» (ibid.).

Ainda de acordo com ele, a Analítica contemporânea erra quando quer excluir o sistema da Filosofia: «O sistema que pretende abarcar cientificamente todo o Universo chama-se, desde a Antiguidade, Filosofia.» (op. cit., p.11). Isto é expresso claramente por Hegel, no ‘Prefácio’ da Fenomenologia do Espírito:

[...] das Wissen nur als Wissenschaft oder als System wirklich ist und dargestellt werden kann. [o saber somente é efetivo como Ciência ou como Sistema, e não pode ser exposto senão como tal.] (PhG, § 24) -3-

Neste sentido, não é gratuito que Filosofia, para Hegel – e para os Idealistas do seu tempo, fosse denominada de *Wissenschaftslehre*, «doutrina das ciências», pois enquanto as ciências particulares tratam de objetos determinados, de campos do saber específicos, a tarefa da Filosofia é procurar apreender o próprio saber. Rosenfield, num belo livreto dedicado a Hegel (2005, p. 65) conseguiu expressar com maestria o objetivo da filosofia de Hegel:

a filosofia apresenta a mais universal e fundamental determinação da realidade tal como é em si mesma e não somente como aparece em seus aspectos particulares como natureza e espírito. Eis que no desenvolvimento de seu sistema, Hegel identifica a metafísica à lógica. A filosofia como conhecimento absoluto significa o conhecimento da razão por si mesma.

Em outras palavras, a Filosofia é uma permanente tarefa que visa a unificar os saberes particulares no Absoluto, numa dinâmica dialética permanente entre o múltiplo e o Uno e, por isso mesmo, é uma doutrina das ciências. Neste sentido, para os Idealistas a Filosofia teria uma precedência lógica e ontológica em relação às outras disciplinas do espírito. A tarefa deste *Geist*, Espírito, filosófico foi acalentada, em pleno século XX, por ninguém menos que Albert Einstein, que durante sua maturidade procurou incessantemente uma teoria que unificasse os grandes campos da física contemporânea – eletricidade, magnetismo, gravidade e mecânica quântica.

Por conseguinte, quando falamos em Hegel devemos ter em mente essa perspectiva de Filosofia que atravessa e sustenta sua obra: um pensamento sistemático que procura dar conta do Todo, da totalidade, do Absoluto. É neste espírito que Cirne-Lima afirma, e conclama: «é necessário

e urgente que voltemos à idéia central da Filosofia clássica que pretende conciliar, na forma de sistema, a velha questão do Uno e do Múltiplo, do Espírito e da Matéria, do que é e do que deve ser.» (op. cit., p. 9). Para Hegel, pois, a realidade efetivamente real é a efetividade (*wirklichkeit*) do conceito (*Begriff*) que se implica/explica num processo orgânico, dinâmico, possível de ser compreendido, ao contrário dos kantianos, aristotélicos, que, interditados com a divisão entre fenômeno e coisa-em-si, consideram impossível ao pensamento penetrar o interior da Natureza, da coisa-em-si.

Talvez os versos seguinte de Goethe consigam mostrar, com clareza, a perspectiva do Idealismo Alemão. Respondendo a Albrecht von Haller, que expressou magistralmente o enigma da interdição kantiana, «No interior da Natureza/ não penetra nenhum espírito criado.», Goethe o respondeu com os seguintes versos:

«No interior da Natureza» –
 Oh Filisteu –
 «nenhum espírito criado penetra?»
 Jamais nos lembrem estas palavras
 a mim e aos irmãos!
 Nós pensamos: Onde quer que estejamos,
Estamos no interior das coisas [sind wir im Innern].

Talvez aqui, quando tivermos a claríssima consciência de que *sind wir im Innern*, estejamos mais atentos, prevenidos, quando lermos, em Hegel, a seguinte passagem, muito utilizada nos manuais:

«Was vernünftig ist, das ist wirklich;
 und was wirklich ist, das ist vernünftig.»

Ou seja: «O que é racional, é efetivo; e o que é efetivo é racional» (Hegel, 1996, p. 59). Hegel é claro quando afirma:

«*Darauf kommt es dann na, in dem Scheine des Zeitlichen um Vorübergehenden die Substanz, die immanent, und das Ewige, das gegenwärtig ist, zu erkennen.*» (*ibid.*: *Importa, pois, conhecer, na aparência [Scheine] do que é temporal e passageiro, a substância que é imanente e eterna que é presente*)

Portanto, a Filosofia tem como tarefa primordial tratar do que é: «a coruja de Minerva levanta vôo quando o anoitecer se aproxima». Esta paráfrase de um passo contido no Prefácio das ‘Linhas fundamentais do direito’, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, quer expressar justamente os limites da tarefa da Filosofia. Ao contrário do que muitos pensam – outro clichê – para Hegel o homem é,

«*antes de tudo, membro de uma comunidade e, abstratamente considerado, carece de efetividade. Ele seria uma espécie de ficção do espírito, pois, no momento de o pensarmos, sempre o fazemos a partir de suas condições de vida, enquanto pertencente a diferentes formas comunitárias, chamadas, por Hegel, de éticas.*» (Rosenfield, 2005, p. 25).

Mais uma vez devemos ler atentamente o que Hegel mesmo escreveu:

Das was ist zu begreifen, ist die Aufgabe der Philosophie, denn das, was ist, ist die Vernunft. Was das Individuum betrifft, so ist ohnehin jedes ein Sohn

seiner Zeit; so ist auch die Philosophie, ihre Zeit in Gedanken erfasst. (op. cit., p. 60: Conceituar o que é, é a tarefa da Filosofia, porque o que é, é a razão. No que tange ao individuo, cada um é, de todo modo, filho do seu tempo; a Filosofia é, também ela, seu tempo apreendido em pensamento).

E arremata:

«Est ist ebenso töricht zu wähnen, irgendeine Philosophie gehe über ihre gegenwärtige Wert hinaus, als, ein Individuum überspringer seine Zeit» (ibid.: É completamente tolo sonhar que alguma filosofia vá ultrapassar seu mundo presente, como, igualmente, um indivíduo que transponha seu tempo)

É oportuno recordar que foram os ‘hegelianos de esquerda’, sobretudo Karl Marx, não Hegel, que propuseram à Filosofia a voz profética anunciadora do futuro, que complementaram à ‘coruja de Minerva’ o ‘cantar do galo gaulês’: «Quando forem cumpridas todas as condições internas, o dia a ressurreição da Alemanha será anunciado com o cantar do galo gaulês.» (Marx, 2005, p. 156). É sempre salutar recordar, como o fez Lima Vaz (1995, p. 226) que em Hegel «não é a verdade que é histórica, mas a história que é verdadeira.» Por isto mesmo Eric Weil (1985, p. 6), um dos maiores intérpretes de Hegel no século XX, afirmou que a

razão não se descreve do exterior, como algo exterior. Ela se descreve a si mesma, é movimento que se engendra e se produz. Ela não é objeto, pois é sujeito, e é sujeito quando se opõe a tudo que é objeto.

Talvez este seja o Hegel: aquele quem procurou durante toda a sua vida conciliar através de uma Filosofia duramente monista, as dicotomias aprofundadas no pensamento filosófico moderno, que separa de um lado o espírito e do outro a natureza, como duas substancias absolutamente distintas – a coisa pensante e a coisa extensa.

Considerações Finais

Hegel foi um filósofo profundamente platônico, que não admitia a preponderância de um princípio sobre o outro, que não admitia as afirmações dogmáticas precipitadas que procuram cindir o Uno e o Múltiplo, o Espírito da Matéria etc. Aqui, mais uma vez recorremos ao filósofo Cirne-Lima, que explica esse passo magistralmente: o filósofo aristotélico, para compreender, «corta e separa – *analysis*, pois só se conhece o todo se antes conhecermos e separarmos as partes que o compõem. Hegel e os neoplatônicos fazem exatamente o contrário: a parte só pode ser compreendida se antes compreendermos o todo.» (2006, p. 87).

Neste sentido, um dos pilares do pensamento Moderno é posto em suspeição por Hegel: a excessiva hegemonia da dicotomia entre sujeito e objeto é uma miragem, um mal entendido do espírito muito afeito à imediatidade, à sacralidade da *coisa em si* kantiana.

Se não compreendermos esse ponto de vista, Hegel continuará hermético e ‘obscuro’ a todo aquele que dele se aproximar. E, infelizmente, ao invés de estabelecermos um profícuo diálogo com um dos maiores filósofos de todos os tempos, estaremos cerrados em monólogos infrutíferos, numa clara afronta ao princípio que sempre norteou o espírito da Filosofia: nada aceitar dogmaticamente, como verdade acabada, sem acurada avaliação. Como conseqüência, estaremos no espaço da não-filosofia, do dogmatismo incapaz de se abrir ao diálogo profícuo e enriquecedor que sempre constituiu o caminho do pensar filosófico, pois quem acredita ser detentor da verdade já não é filósofo, mas sábio – e, lembre: a palavra ‘sofista’ – sábio – era empregada

por Sócrates, Platão e Aristóteles num tom de ironia. Ao contrário do sábio que pensa tudo saber, o filósofo é aquele que está a caminho, aberto para os problemas, que busca, mas sabe não possuir a sabedoria, aquele que tomou consciência da sua *douta ignorância*. Como Hegel advertiu no Prefácio à ‘Fenomenologia do Espírito’ (PhG, § 12), «O começo do novo Espírito é o produto de um amplo revolvimento de variadas formas de cultura, o preço de um caminho extremamente intrincado e, igualmente, de muito trabalho e esforço.»

Heidegger (2006, p. 26), um crítico de Hegel, mas com o qual teve um profícuo diálogo, certa feita, refletindo sobre a Filosofia, escreveu:

Quando é que a resposta à questão: Que é isto – a filosofia? é uma resposta filosofante? Quando filosofamos nós? Manifestamente apenas então quando entramos em diálogo com os filósofos. Disto faz parte que discutamos com eles aquilo que falam. Este debate comum sobre aquilo que sempre de novo, enquanto o mesmo é tarefa específica dos filósofos, é o falar, o légein no sentido do dialégesthai, o falar como diálogo.

Pois, ainda de acordo com Heidegger, «Uma coisa é verificar opiniões dos filósofos e descrevê-las. Outra coisa bem diferente é debater com eles aquilo que dizem, e isto que dizer, do que falam.» (ibid.).

Quanto a este ponto vale expor uma breve reflexão feita por Albert Einstein numa carta enviada a um amigo seu, Maurice Solovine, na qual o brilho das palavras empregado chega a ofuscar quando nelas nos detemos meditando e as ruminamos pacientemente, pois expressa uma verdade tão óbvia que causam espanto, pois o dizer de Einstein, «pelo fato mesmo de ser conhecido, não é reconhecido» (Hegel, PhG, § 31):

Cada período é dominado por um estado de espírito, e o resultado é que a maioria dos homens não consegue enxergar o tirano que os governa.

Talvez em Hegel, um poeta que desceu, na noite escura do espírito, à raiz do *logos*, valham as preciosas palavras de Francis Ponge (1999, pp. 630-631), que explicitou, magnificamente a função da poesia:

C'est de nourrir l'esprit de l'homme em l'abouchants au cosmos. Il suffit d'abaisser notre pretension à dominer la nature et d'élever notre prétension à en faire physiquement partie, pour que la réconciliation ait lieu. Quand l'homme sera fier d'être non seulement le lieu ou s'élaborent les idées et les sentiments, mais aussi bien le noeud où ils se détruisent et se confondent, il sera prêt alors d'être sauvé. L'espoir est donc dans une poésie par laquelle le monde envahisse à ce point l'esprit de l'homme qu'il em perde à peu près la parole, puis reinvente un jargon. Les poètes n'ont aucunement à s'occuper de leurs relations humaines, mais à s'enfoncer dans le trente-sixième dessous. La société, d'ailleurs, se charge bien de les y mettre, et l'amour des choses les y maintient; ils sont les ambassadeurs du monde muet. Comme tells, ils balbutient, ils murmurent, ils s'enfoncent dans la nuit du logos, – jusqu'à ce qu'enfin ils se retrouvent au niveau des RACINES, où se confondent les choses et les formulations. [É de alimentar o espírito do homem, fazendo-o desembarcar no cosmo. É suficiente rebaixar nossa pretensão a dominar a natureza e de elevar nossa pretensão de fazer fisicamente parte, para que a reconciliação tenha lugar. Quando o homem se orgulhar de não somente ser o lugar onde se elabora as idéias e os sentimentos, mas igualmente o nó no qual se destroem e se confundem, estará pronto a ser salvo. A esperança está pois em uma poesia

pela qual o mundo invada a tal ponto o espírito do homem que venha a pouco perder a palavra, depois reinvente um jargão. Os poetas não se obrigam a ocupar a se ocupar das relações humanas, mas se jogar no poço da indeterminação. Aliás, a sociedade se encarrega bem de os empurrar, e o amor das coisas de os manter ali; eles são os embaixadores do mundo mudo. Como tais, balbuciam, murmuram, se encravam na noite do logos, – até que enfim se encontrem ao nível das RAÍZES, onde se confundem as coisas e as formulações.]

É por isto que o «*philosophical way of thing* é tão difícil por ser tão simples» (Porta, 2002, p.46).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AGOSTINHO DE HIPONA. *De trinitate libri quindecim*: <http://www.augustinus.it/latino/trinita/index.htm>
- _____. *Confessionum*: <http://www.augustinus.it/latino/confessionum/index.htm>
- BECKENKAMP, Joãozinho. *Entre Kant e Hegel*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004 -3-
- BICCA, Luiz. *Racionalidade moderna e subjetividade*. São Paulo: Loyola, 1997.
- CIRNE-LIMA, Carlos. *Depois de Hegel*. Caixias do Sul: Educ, 2006.
- _____. *Dialética para principiantes*. 3 ed. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2002.
- COPLESTON, Frederick. *História de la Filosofia: de Fichte a Nietzsche*. 4 ed. Barcelona: Ariel, 2001.
- CUSA, Nicolau de. *De docta ignorantia*: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost15/Cusa/cus_d000.html
- _____. *A douta ignorância*. Tradução, prefácio, introdução e notas de Reinholdo Aloysio Ullmann. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- DESCARTES, René. *Oeuvres et lettres*. Org. André Bridoux. Paris: Pléiade, 1953.
- GILSON, Étienne. *Deus e a filosofia*. Lisboa: Edições 70, 2003.
- HEGEL, Georg W. F. *Phaenomenologie des Geistes*. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/gu006698.pdf>
- _____. *Prefácio da Fenomenologia do Espírito*: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000058.pdf>
- _____. *Sobre o ensino da filosofia*: http://www.lusosofia.net/textos/hegel_sobre_ensino_da_filosofia.pdf
- _____. *Prefácio à Linhas fundamentais do direito*: http://www.lusosofia.net/textos/hegel_prefacio_linhas_filosofia_direito.pdf
- _____. *Fenomenología del Espíritu*. Tradução em espanhol. <http://www.uruguaypiensa.org.uy/imgnoticias/747.pdf>
- _____. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. «Fragmento de sistema de 1880», apud: BECKENKAMP, 2004.
- _____. *Lineamenti di Filosofia del Diritto*. Edição do texto alemão, introdução, tradução, nota e aparato de Vincenzo Cícero. Milano: Rusconi, 1996.
- _____. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. 3 vols. Tradução de Paulo Meneses e José Machado. São Paulo: Loyola, 1995.
- _____. *Phénoménologie de l'Esprit*. Tradução de Jean-Pierre Lefebvre. Paris: Aubier, 1991.
- _____. *A Fenomenologia do Espírito – Prefácio, Introdução, cap. I e II*. Seleção, tradução e notas de Henrique Cláudio de Lima Vaz. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- _____. *Science de la Logique*. Tradução, apresentação, notas por P.J. Labarrière e Gwendoline

Jarczyk. Paris: Aubier, 1972.

HEIDEGGER, Martin. *Caminhos de floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

_____. *Holzweg*. 6 aufl. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1980.

_____. *Wegmarken*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1976.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

LIMA VAZ, Cláudio Henrique de. *Ética e Direito*. São Paulo: Loyola/Landy, 2002.

_____. *Ontologia e história*. São Paulo: Loyola, 2001.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2000.

MENESES, Paulo. *Para ler a Fenomenologia do espírito: roteiro*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1992.

PINKARD, Terry. *Hegel*. 2 ed. Madrid: Acento, 2002.

PLATÃO. *Banquete*:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000048.pdf>

_____. *A República*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PONGE, Francis. *Oeuvres Complètes*, vol. 1. Paris: Gallimard, 1999.

PORTA, Mario Ariel González. *A Filosofia a partir de seus Problemas*. São Paulo: Loyola, 2002.

RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

ROSENFELD, Denis L. *Hegel*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SCHILLER, Friedrich, *A educação estética do homem*. 3 ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.

SCHNEEWIND, J.B. *A Invenção da Autonomia*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: Edunesp, 2005.

SPINOZA, Benedictus de. *Ethica ordine geométrico demonstrata*:

http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost17/Spinoza/spi_eth0.html

RAWLS. *História da filosofia moral*. São Paulo: Ática, 2005.

SOLOVINE, Maurice. *Albert Einstein: letters to Solovine*. New York: Philosophical Library, 1987.

TAYLOR, Charles. *La Libertad de los Modernos*. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

_____. *As Fontes do self*. São Paulo: Loyola, 1997.

TOMATIS, Francesco. *O Argumento ontológico: a existência de Deus de Anselmo a Schelling*. São Paulo: Paulus, 2003.

WEIL, Eric. *Essais et conférences*. Tome 1: Philosophie. Paris: J.Vrin, 1991.

_____. *Logique de la philosophie*. Paris: Vrin, 1985.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Lógico-Philosophicus*. 2ª edição revista. Tradução, apresentação e ensaio introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 1994.

NOTAS

-1- Sobretudo nos trabalhos de Carlos Cirne-Lima, Cláudio Henrique e Lima Vaz (+ 2002) e Paulo Meneses. As imperfeições são de inteira responsabilidade nossa.

-2- PhG é a abreviatura universalmente utilizada para se referir à *Phenomenologie des Geist*, *Fenomenologia do Espírito*, publicada em 1807. Os parágrafos seguem a tradução da *Fenomenologia* publicada pela Editora Vozes, cujo tradutor, Paulo Meneses, os inseriu. Seguimos esta tradução, a do Lima Vaz (Prefácio, Introdução e capítulos 1 e 2 da seção A – consciência), e a tradução de Jean-Pierre Lefebvre. Quanto ao texto alemão utilizado, consultar bibliografia desta unidade.

-3- Este livro, organizado pelo autor, que também traduziu os textos aí constantes, acompanhados de rico comentário, é uma preciosidade, pois constam vários escritos «menores» do período de Kant a Hegel, conhecido como Idealismo alemão.